

A Mulher em Homero

Maria Martha Pimentel de Mello

Résumé:

Recherche sur quatre femmes dans les poèmes Homériques pour établir le type idéal poétique.

Selecionamos para este estudo quatro das mulheres mais citadas na obra homérica. Excetuando-se as deusas, Helena é a figura feminina mais presente nos dois livros atribuídos a Homero. As demais mulheres escolhidas aparecem apenas no segundo livro. São elas: Penélope, heroína da *Odisséia*, Arete, a rainha dos feácios a quem Ulisses deve pedir ajuda para regressar a Itaca e Euricléia, a ama de confiança da casa de Ulisses com quem pai e filho partilham os segredos e as táticas a serem adotadas na expulsão dos pretendentes do palácio.

Helena é descrita como semideusa,¹ destacada sua origem divina, como filha Zeus, o deus todo poderoso que conseqüentemente é sogro de Menelau e enaltecida por sua grande beleza. Penélope falando com Ulisses refere-se a Helena como filha de Zeus, oriunda da Argólida. Quando Ulisses está lutando contra os pretendentes, aparece-lhe Palas Atena sob a forma de Mentor, provoca-o, acusando-o de já não ter a coragem e a força demonstrada no cerco de Tróia, durante mais de nove anos, quando lutava por causa de Helena, de braços níveos e estirpe fidalga, afastando os troianos (*Iliada*, VI, 291-292; *Odisséia*, IV, 569; XXIII, 218; XXII, 226-228). Ao ser avisada do duelo entre Páris e Menelau, Helena dirige-se para o local onde está Príamo e os que o acompanham, comentam ser compreensível que teucros e argivos se guerreiem pela bela mulher que parece uma deusa (*Iliada*, III, 146-158)². Agamenon, tentando fazer Aquiles regressar à luta, lhe diz que se os deuses permitirem arrasar a cidade de Príamo ele lotará sua nave com ouro e bronze e escolherá as vinte mulheres troianas mais belas depois de Helena (*Iliada*, IX, 139-140; 281-282). Esses comentários sobre a formosura de Helena, descrita como a mais bela mulher, demonstram a importância que os gregos atribuíam à beleza, já na época de Homero.

Os deuses são os responsáveis por Helena ter seguido Páris, tendo Penélope dito a Ulisses que a filha de Zeus jamais iria para o leito do

troiano se soubesse que os aqueus a trariam de volta à terra natal, afirmando ser sua atitude premeditada e norteada por um deus, defendendo, assim, a reputação de Helena e afirmando que ela por seu livre arbítrio jamais deixaria o lar para seguir outro homem. Esta opinião é reforçada pelo relato de Telêmaco à mãe, sobre sua viagem à Pilos, dizendo ter admirado Helena, por quem troianos e aqueus se digladiaram, justificando que tudo aconteceu por designio dos deuses (*Odisséia*, XXIII, 218-224; XVII, 118-119).

Embora na atualidade não seja aceito o rapto de Helena como causa da guerra, Homero o diz claramente, registrando que Menelau, irmão de Agamenon, percorre as fileiras do campo de batalha desejando vingar-se dos sofrimentos passados por causa do rapto. Em outro momento descreve Agamenon ferido, apoiando-se em Menelau, reclamando os troianos terem quebrado o juramento e destaca ser Helena o motivo da guerra. Ulisses que tentava fazer Aquiles voltar à luta, ouve deste que todos estão a lutar em Tróia por causa de Helena, de belos cabelos. (*Iliada*, II, 586-590; IV, 174; IX, 308-339).

O motivo real da guerra está ligado à posse de riqueza e o autor destaca esse fato quando diz que Páris pede a Heitor para mandar todos os guerreiros sentarem-se, para que possa lutar com o aluno de Ares, o herói Menelau, por Helena e suas muitas riquezas. Antes do início do duelo, Agamenon oferecendo sacrifício dirige prece a Zeus pai, senhor poderoso e supremo, a Hélios, ao Rioś, a Terra e também aos deuses de baixo, que castigam os perjuros nas moradas subterrâneas para testemunharem e serem fiadores dos votos sagrados. Caso Menelau mate Alexandre será dono de Helena e de todas as suas riquezas, retornando todos após a receberem, mas se não cumprirem o voto os aqueus seguirão combatendo até o final da contenda para cobrar a multa (*Iliada*, III, 58-70; 276-291). Heitor, lamentando-se por não haver atendido ao conselho de Polidamante, recolhendo os guerreiros na noite em que Aquiles voltou ao combate, pensa em abandonar o escudo, dirigir-se desarmado até o guerreiro e prometer devolver-lhe Helena e os objetos preciosos que Páris trouxe para Tróia causa inicial da funesta guerra (*Iliada*, XXII, 99-116).

Helena constitui o prêmio dos vencedores da guerra. A deusa Iris, sob a forma da cunhada Laódice, informa Helena do duelo a ser travado entre Páris e Menelau, dizendo que será o final da guerra e que lhe caberá por marido o vitorioso. Mas, por outro lado, Ulisses conta ao rei Alcínoo que Zeus infligiu graves penas à descendência de Atreu pelos atos de suas mulheres, alegando que muitos guerreiros morreram por causa de Helena

e que, ao baixar ao Hades, falou com a alma de Agamenon, ouvindo deste que foi morto à traição por Egisto e sua própria esposa Clitemnestra (*Iliada*, III, 121-139; *Odisséia*, XI, 436-439).

Helena é enaltecida e censurada. Quando vai assistir ao duelo, os que acompanham Príamo ficam deslumbrados com sua beleza, mas gostariam que ela abandonasse Tróia antes de causar a ruína de todos. Ulisses, disfarçado de mendigo, é recebido pelo porqueiro Eumeu, que lhe diz ser melhor que a raça de Helena sumisse completamente, já que causou o exílio de tão valentes guerreiros. Ela própria, referindo-se à partida dos aqueus para a guerra, lamenta a luta travada nas muralhas de Tróia por sua cegueira (*Iliada*, III, 146-160; *Odisséia*, XIV, 67-69; IV, 144-1460). Heitor, ao sair em busca de Páris para retornar ao campo de batalha, encontra nos aposentos de Helena. Esta lamenta-se ao cunhado por ter semeado tantas desgraças, dizendo que preferiria ter sido jogada das montanhas ou ao mar, no dia em que nasceu, evitando assim essa grande catástrofe (*Iliada*, VI, 344-348). A idéia é reafirmada por Helena, que lamentando a morte de Heitor diz tratar-se do cunhado a quem mais prezava, desde que veio para Tróia, e expressa o desejo de ter morrido antes. Tece elogios ao morto dizendo que em todos os anos que esteve afastada de sua terra natal nunca ouviu dele uma palavra acusadora, ao contrário, com discurso afável e brandura acalmava cunhados ou sogra, quando a ela se dirigiam com sarcasmo (*Iliada*, XXIV, 765-775). Helena fala ao sogro do sentimento de respeito e vergonha, dizendo que seria melhor ter morrido antes de concordar em seguir Páris e abandonar o lar, o marido, a filha única e as companheiras (*Iliada*, III, 166-175).

O costume de violentar as mulheres após a vitória está expresso na obra, quando Nestor fala aos guerreiros para não regressarem sem antes terem subido ao leito de esposa troiana para compensar os trabalhos e o choro, sofridos por causa de Helena (*Iliada*, II, 355-356).

Os presságios também são registrados em episódios ligados a Helena. Telêmaco estava se despedindo de Menelau quando surge pela direita uma águia que apanha no pátio um ganso doméstico e levanta vôo, pela direita, diante do carro onde estava Telêmaco. Helena interpreta o presságio dizendo que da mesma forma que a águia deixou os filhotes e o ninho para pilhar o ganso, Ulisses após as dificuldades e as viagens sem conta regressará à casa para vingar-se e que, possivelmente, já se encontra lá planejando como punir a todos (*Odisséia*, XV, 151-178).

Em vários momentos o autor apresenta Helena desempenhando trabalhos domésticos. Na visita de Telêmaco a Menelau, este encontra Helena sentada ao lado de uma roca de ouro e de um cestinho, provido de rodas

e feito em prata com bordas de ouro batido que lhe foi presenteado no Egito por Alcandra, esposa de Pólibo (*Odisséia*, IV, 120-135). O rico objeto era utilizado pela senhora em seus trabalhos. A deusa Iris, sob a forma de Laódice, foi avisar Helena do duelo a ser travado entre Páris e Menelau, encontrando-a no tear (*Iliada*, III, 121-140). Menelau desce ao quarto do tesouro do palácio e solicita de Helena o maior e mais bonito manto, por ela bordado, para acrescentar aos presentes de Telêmaco (*Odisséia*, XV, 99-108). Cabe às senhoras a direção dos trabalhos domésticos e a tecelagem. Vemos que Helena dirige os trabalhos das servas, no palácio de Tróia, e se dedica ao tear, da mesma forma que Penélope, em Ítaca.

A *Odisséia* tem como tema central o retorno de Ulisses a Ítaca, fixando-se, sobretudo, nos dez anos que tardou a chegar à pátria, após terminada a Guerra de Tróia e a invasão do seu palácio pelos nobres de Ítaca, das ilhas próximas e até do continente, num total de cento e oito, disputando a boda com Pelélope. A rainha, esposa de Ulisses, é personagem de destaque uma vez que as narrativas sobre o palácio apresentam como tema central seu consentimento à boda, já que todos acreditam na sua viuvez. O relato contém numerosas informações sobre os procedimentos a serem seguidos nos contratos de matrimônio e as relações familiares da mulher com o marido e, na falta desse, com a casa paterna.

Penélope queixa-se a Eurímaco, um dos candidatos à boda, que seus dias e noites são muito tristes desde que Ulisses partiu para a guerra e conta-lhe que este, antes de partir falou da possibilidade de não regressar, justificando com o fato de serem os troianos valentes guerreiros. Na ocasião, pediu-lhe para cuidar bem dos pais e permanecer no palácio até o filho atingir a idade viril, podendo depois contrair matrimônio com quem fosse do seu agrado e deixar o palácio (*Odisséia*, XVIII, 245-275). Ulisses coloca a situação com realismo, destacando as obrigações da esposa e sua responsabilidade com a família caso ele não regresse, liberando-a das obrigações somente após o filho tornar-se adulto.

Ulisses, disfarçado de pedinte e hóspede anônimo do palácio, ouve da esposa suas queixas e dúvidas sobre as condições de permanecer no palácio, junto ao filho e as servas, e continuar zelando os bens e a excelsa mansão, ou de seguir outro aqueu, mesmo contra sua vontade. Lamenta que o filho quando criança não aceitava que ela deixasse o lar, mas no presente, tendo-se tornado viril, suplica-lhe para abandonar o palácio e retornar à casa paterna, aflito com o destino dos bens da família, dizimados no dia a dia pela presença dos nobres pretendentes no palácio (*Odisséia*, XIX, 525-534). É evidente que a preocupação de Telêmaco fundamenta-se no prejuízo econômico dos últimos anos, provocado pelos per-

manentes festins, oferecidos pelos que disputam a boda, utilizando alimentos e vinho do palácio. Telêmaco sofre pela diminuição dos bens, onde os animais sacrificados impedem o aumento do rebanho, uma das bases econômicas do palácio. O vinho e a farinha são também considerados bens primordiais e guardados no quarto do tesouro, inserida no conjunto da riqueza familiar. Enquanto Telêmaco era criança, a presença da mãe era necessária para administrar o palácio, tornando-lhe impossível novo casamento. No momento em que o filho alcança a idade adulta, a presença materna parece complicar a vida palaciana, o que se encontra justificado, no início da narrativa, quando Palas Atena orienta Telêmaco a viajar em busca de notícias do pai e insiste na necessidade de ele adotar uma postura adulta (*Odisséia*). É o vigésimo ano de ausência de Ulisses, mas somente nos três últimos a rainha encontra-se assediada pelos pretendentes, o que coincide com o crescimento do filho.

Telêmaco, após receber a visita de Palas Atena, convoca uma assembléia para denunciar os problemas de sua casa motivados pela longa ausência do pai. Considera o mais grave deles a presença constante dos candidatos à boda, todos filhos dos homens mais nobres da região, invasores de sua casa que estão destruindo seus bens,³ assediando a mãe a contragosto e recusando-se a um entendimento com Icário para fixar os dotes matrimoniais e solicitar a filha em casamento. Ele alega ser competência do pai contratar o casamento com aquele que ofereça maior dote, considerando também que seja alguém pelo qual a pretendida sinta afeição (*Odisséia*, II, 40-54). Na ordem dos sofrimentos de Telêmaco, ocupam o primeiro lugar as perdas econômicas que diminuem sua herança, enquanto a ausência do pai e o casamento da mãe são colocados em segundo plano. Esse casamento constitui um negócio, no entanto, não é desprezado o lado afetivo, uma vez que a escolha paterna deverá considerar, em parte, os sentimentos da rainha. Dizemos em parte porque em toda a narrativa Penélope demonstra não desejar nova boda, sendo-lhe recusado esse direito, e permitido apenas escolher entre os candidatos aquele que maior afeição lhe inspire.

Ouvindo as acusações feitas por Telêmaco na assembléia, Antínoo declara que ele e seus companheiros já lhe pediram para expulsar a mãe do palácio e exigir dela a escolha do marido que agrada ao pai e a ela própria. Acusa Penélope de haver recebido dons especiais de Palas Atena que a dotou de notável perícia para executar preciosos labores e também de grande talento e astúcia, capaz de superar as grandes mulheres dos tempos passados, como Alcmena, Tiro ou Micenas, mas afirma que a rainha esqueceu que seus bens irão sendo consumidos enquanto seguir nesse

propósito. Ganhará renomada fama mas verá a diminuição de sua riqueza, pois eles não abandonarão o palácio antes que ela faça a escolha. Alcínoo justifica-se dizendo que são enganados por Penélope há quase quatro anos. Esta deu-lhes esperanças, enviando recados e fazendo promessas de casar-se ao terminar de tecer a mortalha de Laerte para não ser censurada por enterrar sem mortalha quem viveu na opulência. No entanto, foram informados por uma serva que ela tecia durante o dia e à noite desfazia o trabalho diurno. Descoberto o ardil, foi obrigada a concluir o trabalho (*Odisséia*, II, 110-128). Ulisses torna-se famoso, entre outras coisas, pela astúcia, sempre encontrando formas especiais para sair de situações difíceis. Sua mulher é apresentada como detentora de argúcia e astúcia suficientes para utilizar estratégias com perícia e lograr seus objetivos.

O povo itacense deveria estar ciente do que acontecia no palácio do rei ausente. Alcínoo responde com arrogância à denúncia de Telêmaco, comunica que não mudarão de atitude e responsabiliza Penélope por terem invadido seus domínios, face a sua omissão em eleger um marido. Os presentes à assembléia não sugerem providências para solucionar o problema e o discurso de Alcínoo justificando a postura dos pretendentes, parece ser aceito por todos, já que não há pronunciamento algum. Concretamente nenhuma mudança ocorre na vida palaciana, e a expulsão dos invasores somente se concretiza com a chegada de Ulisses. Penélope continua sozinha na luta contra os pretendentes, contando unicamente com sua própria astúcia. Indignada, diz tratar-se de um novo costume, jamais adotado anteriormente: comer da despensa alheia sem pagar. Esclarece que de acordo com a tradição, para se conseguir esposa nobre e nascida de rico senhor, disputada por vários pretendentes, usa-se fazer a corte com doação de bois, ovelhas, banquete e bonitos presentes. Alcínoo responde que todos a presentearão, mas insiste em que somente abandonarão o palácio quando ela escolher por esposo o melhor dos *danaos* e ordena ao heraldo trazer presentes de cada um deles (*Odisséia*, XVIII, 274-289). Telêmaco promete aos presentes que se regressar da viagem sabendo da morte do pai, prestar-lhe-á todas as honras fúnebres e sua mãe contrairá núpcias em seguida (*Odisséia*, II, 215-223). Os pretendentes não contestam a tradição, oferecem presentes, mas permanecem irredutíveis em não abandonar o palácio até que um deles seja escolhido para substituir Ulisses.

A questão dos bens de herança são tratados através de referências feitas à rainha. Os pretendentes, conversando entre si, aventam a hipótese de Telêmaco não regressar com vida da viagem a Pilos e Esparta, destacando que nesse caso eles teriam o trabalho de repartir os bens da casa de Ulisses entre eles, embora o palácio ficasse com Penélope e aquele que a

desposasse (*Odisséia*, II, 330-336). Proposta idêntica é apresentada em outra passagem onde tramam a morte de Telêmaco. Antínoo, filho de Eupites, diz que as riquezas e a despensa serão repartidas entre todos, em partes iguais, ressaltando que se não for esse o desejo de todos, Telêmaco deve seguir vivo e conservar a herança paterna. Nesse caso, devem encerrar as reuniões e o consumo de bens no palácio, indo cada um procurar ganhar Penélope com seus próprios bens, cabendo a ela escolher o que lhe ofertar presentes mais valiosos e o destino lhe assinalar (*Odisséia*, XVI, 363-392).

O casamento da rainha parece ser fato incontestável, devendo ser escolhido um daqueles que a assediavam no palácio. Trata-se de um casamento político e conseqüentemente o consorte será eleito entre a nobreza, devendo sua opção ser orientada pela riqueza dos presentes, podendo ela aliar a esse fato a afeição que lhe inspiram os candidatos, o que constitui uma flexibilidade a favor da decisão a ser tomada. Este fato vincula o direito ao poder ao casamento, constituindo a forma para ocupar o lugar de Ulisses, que todos acreditam morto. No entanto, durante a realização do torneio, Telêmaco admite a possibilidade de sair vitorioso, e neste caso sua mãe permaneceria no palácio, ficando desobrigada da boda.

A decisão da boda através de torneio é proposta por Penélope. Dirigindo-se ao salão ao encontro dos nobres pretendentes leva o arco de Ulisses acompanhada por duas servas que levam um cofre, contendo instrumentos de luta feitos de bronze e ferro, utilizados por Ulisses. Faz o seguinte discurso:

“Pretendentes ilustres, ouvi o que tenho a dizer-vos: Longe está o senhor há bastante tempo, o meu palácio invadistes comendo e bebendo sem regra. Até agora nenhuma desculpa conseguistes para vossa conduta, fora dizerdes que quereis que eu despose um de vós. Ânimo, pretendentes, que um pleito ora passo a propor-vos. Apresento-vos o arco do grande e divino Ulisses. Quem conseguir passar nele a corda encurvando-o e logo após arremessar a seta pelos doze orifícios, a esse estou pronta a seguir como esposa, deixando o palácio do meu primeiro marido, tão belo e com tantas riquezas, que hei de ter sempre vivo na memória, até mesmo nos sonhos” (*Odisséia*, XXI, 53-79).

Telêmaco chama a atenção dos pretendentes para o valioso prêmio: uma mulher como não se encontra igual pelas terras dos aqueus, nem em Micenas, nem em Argos, nem em Pilos, nem na ilha de Ítaca e nem no continente. Sendo impossível fazer mais elogios confessa que gostaria de

vencer a prova, pois a mãe permaneceria em casa e ele não sofreria, vendendo-a partir com novo marido (*Odisséia*, XXI, 101-117). Os pretendentes não conseguem armar o arco e o hóspede (Ulisses disfarçado) solicita a vez, sendo maltratado pelos presentes. Eurímaco diz a Penélope para não atender ao pedido, pois se ele conseguir, o feito trará vergonha aos nobres ali presentes, podendo ser comentado por todos que um mendigo errante demonstrou ser mais forte que eles. A rainha determina que o arco seja entregue ao hóspede, justificando ser ele de boa descendência e declarando que receberia, como prêmio, túnica e manto, venábulo para afastar cães, espada de dois fios, bonitas sandálias e ajuda para chegar onde desejasse (*Odisséia*, XIII, 302-342).

Trata-se de um casamento de negócio onde está em jogo o poder em Ítaca, poder este até então exercido por Ulisses, muito embora estivesse ausente há vinte anos. O hóspede, mesmo sendo pessoa de boa origem, não concorre em igualdade de condições, com direito a receber o mesmo prêmio oferecido aos nobres pretendentes. A disputa através de um torneio exigindo habilidade e força está relacionada ao trono real, sugerindo que essas condições são necessárias ao rei para se impor aos súditos.

Penélope é altiva e algumas vezes aparece no cenário como detentora do poder, tomando decisões no palácio. No entanto, sua interferência é pequena, restringindo-se aos seus labores, à direção dos trabalhos domésticos, a orientação das servas e a determinação dos trabalhos relativos à parte íntima da casa. Vive recolhida em seus aposentos a maior parte do tempo e sua clausura é comprovada durante a viagem do filho a Pilos e Esparta, tomando conhecimento da ausência, somente ao estar próximo o regresso.

Embora Penélope tenha liberdade de tomar certas decisões, algumas delas importantes, como a proposta do torneio, a palavra final cabe ao homem. Quando Penélope manda entregar o arco ao hóspede Telêmaco declara que cabe a ele conceder ou negar a arma, podendo inclusive presenteá-la para que a leve consigo para sempre. Manda a mãe retornar a seus aposentos e atender a seus afazeres pois o arco compete aos homens e entre todos a ele que detem o poder na casa, sendo imediatamente obedecido (*Odisséia*, XXI, 343-358). Em outro momento o filho censura a mãe por interferir no canto do *aedo* dizendo ser Zeus responsável pelo destino dos homens, trazendo-lhes desgraças, e destaca que Ulisses não foi o único a ser privado do retorno mas também vários outros heróis, cabendo-lhe ser forte. Novamente ela obedece, subindo aos seus aposentos (*Odisséia*, I, 346-363).

Penélope decide apresentar-se na sala onde estavam reunidos os pretendentes. Chama a criada, diz que nunca se mostrou em público, mas o fará naquele momento, pois deseja aconselhar o filho a se afastar dos pretendentes que se mostram amigos, mas tramam maldades. Pede duas servas para a acompanharem ao salão, dizendo sentir vergonha de entrar sozinha no meio daqueles homens. Essa atitude demonstra sua circulação restrita no palácio. Ao saber pelo heraldo Medonte das tramas contra o filho, resolveu descer ao salão acompanhada das servas, e dirigindo-se a Antínoo como o soberbo urdidor de maldades, acusa-o de planejar a morte de Telêmaco (*Odisséia*, XVI, 436-439).

Outro traço característico da Hélade, inclusive na época de Ulisses, diz respeito à hospitalidade. Penélope, ao encontrar-se com Ulisses disfarçado em hóspede e ouvindo que este o encontrou há pouco, a caminho de Ítaca com riquíssimos presentes, responde que retornando o senhor, ele receberá ricos presentes, mas se tal não acontecer, ele não encontrará quem o ajude a partir. Penélope manda a criada lavá-lo e depois preparar-lhe um leito com mantos e colchas de tela vistosa, avisando que ao amanhecer deverá comer na sala com Telêmaco (*Odisséia*, XIX, 270-322). Sabedora de que os pretendentes ultrajaram o hóspede, repreende o filho por permitir a ocorrência, dizendo-lhe que se o hóspede sofresse algum dano físico, por violência recebida na casa, seriam censurados por todo o povo (*Odisséia*, XVIII, 214-225).

Arete é uma das mulheres que recebe destaque na obra homérica. Ulisses é orientado por Palas Atena para, ao chegar à casa de Alcínoo dirigir-se diretamente à rainha e dela obter ajuda para retornar à pátria. O povo feácio é apresentado como exímio navegador mas pouco hospitaleiro. Para demonstrar a nobreza do rei, Homero descreve sua linhagem remontando a Poséidon, destacando ser Arete a única descendente viva do rei Rexénor e como esposa de Alcínoo, embora submissa a ele é honrada na terra como nenhuma outra mulher, sendo amada pela família e pelos súditos como se fora uma deusa. Sobre sua personalidade destaca a grande prudência que demonstra levando paz e concórdia a todos do reino. É a ela que Ulisses deve ganhar para conseguir regressar à pátria (*Odisséia*, VII, 30-77). Ulisses, chegando à casa de Alcínoo depois de ter sido encontrado por sua filha Nausícaa prostra-se ante Arete, abraça-lhe os joelhos, deseja-lhes vida venturosa e pede a ajuda de que necessita (*Odisséia*, VII, 142-152).

A mulher é sempre chamada para presentear os hóspedes importantes. Alcínoo solicita aos regentes e chefes do povo feácio⁴, presentes para

o hóspede, dizendo que cada um lhe presenteie com um manto bem lavado, uma túnica e um peso de ouro. Os ricos presentes são levados para a casa de Alcínoo e entregues a Arete que também é encarregada de presentear Ulisses com o mais rico cofre e nele guardar um vestido e um manto bem limpos (*Odisséia*, VIII, 385-425). É Arete quem conclama os presentes para prolongar a permanência de Ulisses na ilha e serem pródigos em presentes com o hóspede que é merecedor de tesouros, mas em face das desventuras sofridas encontra-se na indignância (*Odisséia*, XI, 385-393).

Entre os feácios, a mulher circula no meio dos homens. Ulisses, ao chegar à casa de Alcínoo, encontra-o reunido com os doze regentes e Arete está entre eles, participando da reunião. E a filha Nausícaa lembra a Ulisses que lhe deve a vida, advertindo-o para não esquecê-la, quando ele está no meio dos homens em casa de Alcínoo (*Odisséia*, VIII, 457-463). Ainda no palácio Ulisses se despede do povo feácio, colocando uma taça nas mãos de Arete e brindando pela felicidade da rainha, de sua família e do seu povo (*Odisséia*, XIII, 57-62).

A presença de Arete é constante nas reuniões do palácio enquanto o hóspede lá permanece. Entretanto sua importância é destacada por Palas Atena, ao mandar Ulisses procurar seu apoio, condição fundamental para lograr o retorno a Ítaca. A oferta de um presente especial da mulher ao hóspede é frequente, durante as visitas de pessoas ilustres nos reinos da Hélade, no tempo descrito por Homero, e sua obra encontra-se repleta de situações semelhantes. Apesar da importância de Arete, sua participação restringe-se aos frequentadores do palácio, e não extrapola esse limite.

Euricléia, a despenseira do palácio, é filha de Opos e neta do guerreiro Piséonor, comprada por Laerte, pai de Ulisses, com seus próprios recursos quando era muito jovem. Em casa de Laerte a escrava gozava de uma situação privilegiada, semelhante a de uma esposa, embora nunca tivessem compartilhado o leito, por temor à esposa (*Odisséia*, I, 139-140; 328-330; 428-432). Não é considerada uma escrava qualquer, sendo apresentada pelo poeta como descendente de um guerreiro. Laerte comprou-a com bens próprios, desejou-a como esposa, mas sempre a respeitou, muito embora conste que foi por medo. Com esses detalhes fica estabelecido que a casa de Ulisses era dirigida por uma despenseira especial, respeitada por todos e em situação diferenciada das demais servas.

Como despenseira zelosa ela reparte o pão e as abundantes provisões (*Odisséia*, I, 139-140). É responsável pelo quarto do tesouro do palácio, vigiando-o dia e noite. Nesse quarto são guardados ouro, bronze, vestimentas, azeite e vinho.⁵ Ela acompanha Telêmaco ao quarto, abre

zelosamente a fechadura e a pedido dele encarrega-se dos provimentos⁶ necessários à viagem, em busca de notícias do pai.

Outro aspecto da personalidade de Euricléia muito enfatizado pelo autor é sua discrição, a forma como guarda segredos e aconselha os patrões, ouvindo revelações sigilosas dos três personagens da casa, emitindo parecer e sugerindo soluções. Telêmaco ao solicitar que lhe prepare as provisões para a viagem, avisa-lhe que ele próprio as recolherá quando a mãe estiver dormindo e esclarece que partirá secretamente para Pilos em busca de notícias do pai, proibindo-a de contar à mãe antes de decorridos dez ou onze dias (*Odisséia*, II, 349-376). Euricléia manifesta-se contrária aos planos do patrão alegando ser ele filho único, seu pai encontrar-se morto muito longe da pátria e o perigo dos pretendentes que tramarão sua morte de emboscada. Telêmaco a tranqüiliza dizendo que sua ação foi inspirada por um deus e a faz jurar que guardará segredo (*Odisséia*, II, 361-381). Penélope ao tomar conhecimento da viagem do filho ouve de Euricléia que esta sabia de tudo e que ela própria preparou o necessário para a viagem, não a tendo informado por ter jurado a Telêmaco guardar o segredo (*Odisséia*, IV, 742-749).

Ulisses, disfarçado em hóspede e desejando ser reconhecido pela criada, após longa conversa com Penélope pede-lhe uma serva idosa, discreta e sofrida para lavar-lhe os pés. Penélope encarrega Euricléia desse trabalho dizendo tratar-se de um senhor da idade de Ulisses, que pelas desgraças sofridas, deve estar igualmente velho. Ela lamenta a ausência do patrão, constatando haver semelhanças entre o hóspede e seu amo, mas ao lavar-lhe os pés, reconhece-o por uma antiga cicatriz na perna, sendo impedida por ele de contar a Penélope (*Odisséia*, XIX, 467-486).

Ulisses, após a matança dos pretendentes, manda Telêmaco chamar Euricléia, dizendo: a que está cuidando das moças que servem na casa. Ao chegar, recomenda-lhe não externar alegria pelos mortos, para não atrair a ira dos deuses e pede-lhe a relação das servas que desonraram sua casa e das que se protaram bem, ouvindo em resposta que das cinquenta escravas do palácio, doze desrespeitaram sua casa, aliando-se aos pretendentes (*Odisséia*, XXII, 395-415). Igual número de servas é colocado na casa de Arete, rainha dos feácios. Com esse número, o autor pretende enfatizar a riqueza do palácio.

A importância da criada é destacada em varios momentos da narrativa onde o autor concede-lhe o privilégio de ser a primeira a conhecer os segredos dos patrões. Ela é a única no palácio a saber da viagem de Telêmaco a Pilos e a primeira a vê-lo ao regressar, assim como Ulisses identifica-se a ela antes de se dar a conhecer à esposa, e ainda é a ama quem diz

a Penélope que Ulisses está no palácio. Paralelamente à demonstração de confiança, em diferentes momentos, Euricléia coloca sua vida nas mãos dos patrões, por tomar atitudes censuradas por eles. Cabe-lhe também executar tarefas mais simples, como guardar as roupas de Telêmaco, preparar os leitos para os patrões e hóspedes, banhar Ulisses e untar-lhe o corpo com azeite, além de servir os alimentos.

Analisando o papel da ama Euricléia no contexto da Odisséia, vemos que é importante sua participação na vida cotidiana do palácio, destacando-se, também, na solução dos graves problemas vividos pela família, sendo freqüentemente demonstrado o carinho e reconhecimento que lhe é dedicado pela fidelidade e prudência, postos em destaque pelo autor.

Concluindo, vemos que três das quatro mulheres selecionadas para este estudo são rainhas, portanto pertencentes à mais alta nobreza, sendo a quarta a ama de confiança da casa de Ulisses, mas não é uma qualquer, descende do guerreiro Pisénor. A beleza é destacada como atributo comum às rainhas, nada sendo dito da aparência de Euricléia, além de ser idosa. Quanto às virtudes, cada uma delas tem seu destaque. Sendo Helena semideusa, é desculpada por ter abandonado o marido, e sua atitude justificada como sendo determinada pelos deuses. Penélope é prudente, casta e responsável pela direção da casa até o filho atingir a idade adulta. Em Arete, destaca-se sua prudência, sendo apresentada como uma exceção, já que a rainha interfere nos assuntos políticos e circula entre os homens no recinto do lar, mas não participa das assembléias. Euricléia é a despenseira zelosa que dirige a casa de Ulisses, destacando-se por ser de extrema confiança dos patrões, discreta e guardar os segredos da família, advertir os amos do perigo e ser sempre a primeira a conhecer os segredos da casa. Todas executam trabalhos domésticos, sendo destacada a beleza das peças que executam.

Notas

¹ Segundo a tradição Helena é filha de Zeus, que uniu-se à Leda em forma de cisne, nascendo de um ovo. Uma lenda menos conhecida fala do rapto de Helena por Teseu e seu amigo Pirítoos, tendo tocado por sorte a Teseu, que a colocou sob a guarda de sua mãe. Foi roubada pelos irmãos, sendo levada para a Lacedemônia por Etra. Tíndaro, marido de Leda, achou que devia casá-la. Apresentaram-se numerosos príncipes da Hélade como candidatos. Ulisses aconselhou que todos jurassem aceitar a escolha de Helena e socorrer o eleito, caso lhe fosse disputada a mulher. Ela escolheu Menelau e os pretendentes se conformaram. Ver: Pierre Grimal, *Diccionario de Mitologia Griega e Romana* e Ruth Guimarães, *Diccionario da Mitologia Grega*.

² Segundo a tradição, Helena era uma mulher de grande beleza sendo sua fama muito conhecida. Afrodite prometera a Páris dar-lhe por esposa a mais bela mulher do mundo. Este vai a Esparta, torna-se hóspede de Menelau que parte para assistir aos funerais de Catreu, em Creta. Helena presta as honrarias ao hóspede e, inspirada por Afrodite, apaixona-se pelo visitante, deixando-se raptar. Ver: Pierre Grimal, *Diccionario de Mitologia Griega* e Ruth Guimarães, *Dicionário de Mitologia Grega*.

³ Os pretendentes, em número de cento e oito, promovem festins diários, matam os melhores animais encontrados em sua criação e consomem o vinho da adega.

⁴ A ilha conta com doze reis, sendo Alcínoo o décimo terceiro (*Odisséia*, VIII, 387-391).

⁵ O azeite é de boa qualidade e o vinho, de tão especial, era considerado bebida dos deuses, estando o melhor reservado para o regresso de Ulisses (*Odisséia*, II, 339-349).

⁶ Telémaco manda a ama colocar em doze ânforas o melhor vinho, inferior somente ao que estava reservado para a volta do pai, assim como encher odres com cevada e farinha (*Odisséia*, II, 349-352).

Referências Bibliográficas

HOMERO. *Iliada*. São Paulo, Melhoramentos, s/data.

_____. *Odisséia*. São Paulo, Melhoramentos, s/data.

_____. *L' Odissée*. Paris, Flammarion, 1965.

_____. *L' Iliade*. Paris, Flammarion, 1965.

_____. *Odisea*. Madrid, Gredos, 1986.

_____. *Iliada*. Madrid, Gredos, 1991.

_____. *La Iliada*. Madrid, Espasa-Calpe, 1989.

_____. *Odisea*. Madrid, Espasa-Calpe, 1981.

CHADWICK, John. *El mundo micénico*. Madrid, Alianza Universidad, 1985.

FINLEY, M. I. *Os gregos antigos*. Lisboa, Edições 70, 1984.

_____. *O mundo de Ulisses*. Lisboa, Presença, 1982.

GRIMAL, Pierre. *Diccionario de Mitologia Griega y Romana*. Barcelona, Paidós, 1986.

GUIMARÃES, Ruth, *Dicionário da Mitologia Grega*. São Paulo, Cultrix / MEC, 1972.